

## A Outra Face de Graciliano

MARISA SERRANO - Cadeira nº 30 da ASL

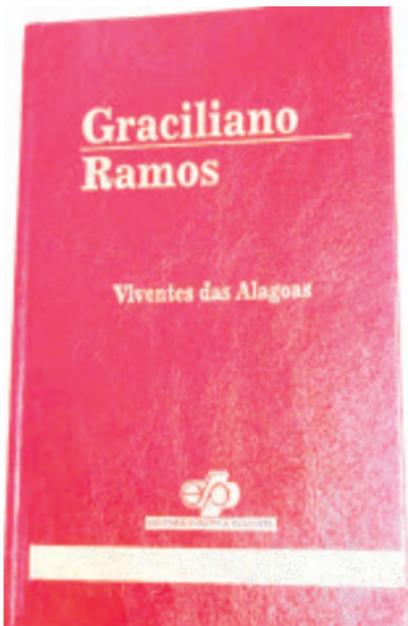
Um homem se constrói pelo conhecimento. Aprende incorporando todo tipo de sensações filtradas por valores, crenças, exemplos. Por isso, a trajetória de cada um é única, dependendo de suas escolhas e do impacto do meio em que vive. O homem e a natureza não são contraditórios, não são excludentes, completam-se, aliás, o primeiro não existiria sem o segundo.

E por falar do sentido de pertencimento, de integração com o espaço de ações cotidianas, com essa simbiose nem sempre pacífica e benéfica, que Graciliano Ramos construiu sua vida exteriorizando seus sentimentos, escrevendo. Homem íntegro, com uma visão realista do mundo, não se contentou somente em traduzir em palavras sua angústia e seu inconformismo.

Graciliano trabalhou também para modificar e melhorar a vida do povo do sertão. Se não para todos, pelo menos para os de Palmeira dos Índios, em Alagoas. Eleito prefeito, toma posse em 1928; inovando, presta contas de sua gestão ao governador, fazendo um balanço de seus planos, realizações e gastos.

É com espírito público, probidade e buscando a eficiência aliada ao interesse da população que Graciliano relata: [...] “Convenho em que o dinheiro do povo poderia ser mais útil se estivesse nas mãos, ou nos bolsos, de outro menos incompetente do que eu; em todo o caso, transformando-o em pedra, cal, cimento, etc, sempre procedo melhor que se o distribuisse com os meus parentes, que necessitam, coitados”. E [...] “Há quem ache tudo ruim, e ria constrangidamente, e escreva cartas anônimas, e se morde por não ver a infalível maroteirazinha, a abençoada canalhice, preciosa para quem a pratica, mais preciosa ainda para os que dela se servem como assunto invariável; há quem não compreenda que um ato administrativo seja isento de lucro pessoal”.

Constando de um relatório oficial, balanço anual, é nítido o objetivo de Graciliano em mostrar que, como em sua vida pesso-



Livro de Graciliano que traz também seus relatórios redigidos quando prefeito de Palmeira dos Índios (AL)

“Foi através de seu olhar sensível ao captar o sentimento humano que ele se tornou um de nossos maiores escritores”

al, também como gestor e político, não compactua com o malfeito. E o faz de forma reta e agressiva, determinando seus limites... “Procurei sempre os caminhos mais curtos. Nas estradas que se abriram só há curvas onde as retas foram inteiramente impossíveis”. “O estado sanitário é bom. O posto de higiene, instalado em 1928, presta serviços

consideráveis à população. Cães, porcos e outros bichos incômodos não tornaram a aparecer nas ruas. A cidade está limpa”.

Nos relatórios, fica o legado de que a visão do administrador tem que ser voltada tanto para obras de infraestrutura como para ações e serviços que atinjam diretamente o homem. Na área fiscal, Graciliano, na prestação de contas de 1930, explica que: “No orçamento do ano passado, houve supressão de várias taxas que existiam em 1928. A receita, entretanto, calculada em 68:850\$000, atingiu 96:924\$985. E não empreguei rigores excessivos. Fiz apenas isto: extingui favores largamente concedidos a pessoas que não precisavam deles e pus termo às extorções...”

Seus balanços das contas municipais são um exemplo de probidade gerencial e rigor fiscal, mas com passagens pitorescas: “No cemitério, enterrei 189\$000”; “constava a existência de um código municipal, coisa inatingível e obscura. Procurei, esquadrinhei, estive quase a recorrer ao espiritismo, convenci-me de que o código era uma espécie de lobisomen”. Graciliano exerceu diversos cargos públicos, deixando a marca do inconformismo com as mazelas do povo nordestino e com a ineficiência das administrações públicas.

Quanto aos seus romances, iniciado com “Caetés”, o que conta é a figura humana, o interior de cada um, aflorado por meio de seus atos, de seu cotidiano, de seu relativismo moral. Nos seus romances reverenciados, “São Bernardo”, “Angústia” e “Vidas Secas”, a marca do romance psicológico se impõe; o que vale é a existência interior de seus personagens. Seus sonhos, angústias, paixões, misérias!

Graciliano pode ser visto por vários ângulos. A partir de sua própria face, seu caráter, sua ideologia e sua atuação como funcionário público, mas foi através de seu olhar sensível e penetrante ao captar o sentimento humano, forjado muitas vezes por um ambiente hostil e inóspito, que ele se tornou um de nossos maiores escritores.

## Cem anos de Campo Grande

OSWALDO BARBOSA DE ALMEIDA - Cadeira nº 3 da ASL

Em textos anteriores publicados nesta página, reportei-me à publicação denominada “Campo Grande – 100 Anos de Construção”, do ano de 1999, comemorativa do primeiro século de existência do município de Campo Grande. Hoje, volto para comentar alguns aspectos do início desta hoje vibrante capital, agora lastreado no texto do saudoso acadêmico Abílio Leite de Barros, que abre a série de artigos e crônicas integrantes da citada publicação, sob o título “Crônicas de uma Vila Centenária”.

O texto inicia-se afirmando que “vinte e seis de agosto de mil oitocentos e noventa e nove seria um dia de festa na vila de Santo Antônio de Campo Grande. Na igreja do protetor, os dois sinos dariam o sinal festivo...”. Prossegue descrevendo a alegria, os festejos, os folguedos, e tudo o mais que se realizaria em virtude do importante fato naquele dia ocorrido, trazendo profundas mudanças para a localidade. Mas, “essa festa, entretanto, não houve. Por uma razão simples: ninguém sabia. Aquele vinte e seis de agosto foi como um dia qualquer”.

E tudo continuaria como antes naqueles campos ressequidos, de terras poeirentas, na vila de formação tortuosa, que acompa-

nhava o córrego Prosa em sua caminhada rumo à confluência com outro córrego, o Segredo, na qual se iniciava o povoado, e “onde os fundadores ergueram os primeiros ranchos vinte e quatro anos passados”. Esses fundadores, José (ou Jozé, como demonstrou o escritor, seu descendente, Edson Carlos Contar) Antônio Pereira e seus familiares e agregados, já não moravam mais na vila naquele 26 de agosto, mas nas respectivas fazendas que haviam formado nas mediações.

E aquele dia, como outro qualquer, assistia às cenas comuns à vila do santo casamenteiro: em frente a um cabaré, um homem amanheceu morto sobre uma mancha de sangue. As pessoas que se dirigiam aos locais de suas respectivas atividades, crianças que iam para a escola, passavam ao longe, evitando-o. Outros passantes, condutores de gado, davam rápida olhada ao cadáver e seguiam em frente. Carros de boi, os carros mineiros, de rodas maciças, e carroças de rodas raíadas, desviavam do morto ao passar. Outros passavam pelo morto como se ele não existisse. Ninguém conhecia o morto. A ocorrência de mortes naquela povoação era comum, onde imperava a “justiça do 44”, pois não havia autoridades constituídas.

“A população de Campo Grande só ficaria sabendo da emancipação política algum

tempo depois da sua assinatura. O rádio, os americanos só inventariam em 1920. Telefone estava longe. O telégrafo era um projeto que Rondon, no começo do século, faria a aventura de implantar. O correio já existia no papel, criado para a vila pela administração geral em Cuiabá cinco anos antes da emancipação. Mas ninguém ficou sabendo, obviamente, pela falta de correio”.

O correio somente veio a se instalar em Campo Grande cinco anos depois da emancipação. “Então, tudo ficou mais fácil: um estafeta levava a correspondência a cavalo até Miranda, de lá, por barcos, até Corumbá, depois à capital ou mesmo ao Rio de Janeiro. Muito mais fácil. Entre Campo Grande e Miranda, trinta e cinco léguas em cavalos bem nutridos, com os descansos indispensáveis, o estafeta levaria uns dez dias, se não houvesse contratemplos de chuvas e outros e não lhe faltasse vontade no cumprimento do dever público. Em Miranda, podia se fazer a natural espera. A ligação com Corumbá não era regular, pois se fazia por pequenas embarcações de mascates, sem dias certos e sem pressa. (...) Se a mala do estafeta chegasse com uns 20 dias, com mais sete poderia estar em Cuiabá, mais 50 dias no Rio de Janeiro, através de Montevideú, e depois a navegação costeira”. Como se vê, muito mais fácil que antes...

## A gargalhada de Antônio Bacha

ULYSSES SERRA (1906-1972) - pertenceu à ASL

Ah, o Bacha! Era forte característica humana, alta e nobre da Rua 14. Chefiava ele sua firma e sua irmandade. Correto, generoso, mediador por índole, a cidade toda lhe queria bem. Agente da Chevrollet, vendia um carro Ramona, todo equipado e com o tanque cheio de essência, apenas por quatro contos de réis! A prazo. Ainda dava ao comprador copioso e fino farnel de fiambres, biscoitos, doces, conservas e vinhos para a viagem que pretendesse fazer. Apraziam-lhe e o edificavam as máximas

do Marquês de Maricá, que piedosamente as difundia em cartazes apostos na loja e no escritório; aquela, chefiada pelo Valdomiro e pela Pachá; este, pelo hábil contabilista Feliciano Verlangieri, auxiliado pelo moço que mais tarde escalaria todos os degraus da sua carreira funcional, somente arrimado na sua compostura moral e na sua inteligência: Augusto Guimarães Barbató.

A gargalhada do Bacha era famosa, inigualável e inconfundível. Alto, vigoroso, de larga fissura labial, dentes graúdos e fortes, maxilares robustos, ria estrondosamente sem mover o busto nem a cabeça. Começava em

tom baixo, ia aumentando, crescendo, reboando e tomava conta do quarteirão todo. Era uma só emissão de voz, prolongadíssima, sem tomar fôlego, sem nenhuma intermitência. Barítono algum no mundo teve maior capacidade pulmonar. Quando sua gargalhada ressoava, todos afirmavam: “É o Bacha! É o Bacha!”. E ele estava a cem ou mais metros de distância. Hoje, seguramente, não pode mais gargalhar como antes, mas é o mesmo homem que lança pontes e não levanta muros e segue à risca o salutar conselho do Pe. Charbonneau: sobre o fosso da incompreensão sobrepõe a ponte do diálogo.

## +POESIAS

### Esvicerar

cego pelo que os olhos viram  
mudo pelas palavras que se foram  
surdo por todos os sons ouvidos  
tantos sentidos  
sem sentidos  
senso tido  
sensivo  
insensivo  
sensitivo-motor  
mover remexer  
olhar pelo que os olhos não viram  
falar pelas palavras não dita-vindas  
ouvir pelos sons que ensurdeceram  
esviscerar  
o trôpego

HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO

### Era digital

Quando ouvi um sino tocando  
procurei no campanário  
o bronze suspenso  
ligado por cordas  
a mãos humanas.  
- É eletrônico - disse-me um rapaz.  
Fiquei atônita.

Quando entrei no templo  
para acender uma vela,  
- É eletrônica - dizia um cartaz.  
Não havia fumaça no ar  
nem cheiro de vela queimada.  
Fiquei decepcionada.

Quando pisei num gramado escuro  
ouvi um grilo cricrilando  
sem desafinar.  
Parei para escutar.  
E um pensamento irônico:  
- Será um grilo eletrônico?

ILEIDES MULLER

## Uns homens estão silenciosos

Eu os vejo nas ruas quase que diariamente.  
São uns homens devagar, são uns homens quase que misteriosos.  
Eles estão esperando.  
Às vezes procuram um lugar bem escondido para esperar.  
Estão esperando um grande acontecimento.  
E estão silenciosos diante do mundo, silenciosos.  
Ah, mas como eles entendem as verdades  
De seus infinitos segundos.

MANOEL DE BARROS

## Canção do silêncio

Noite alta, vou andando, vou cantando,  
bem baixinho, só para mim.  
Vou sorrindo, perdoando e o perdão também [pedindo].  
Estação da primavera, eu no outono seguindo  
para o Nada que me espera, que me espera...  
Passos leves noite a dentro, caminhando [mansamente,  
pensamento tão distante num semblante de quem sonha...]  
Lá do céu a meia lua cai na rua tão tristonha  
iluminando caminho da cidade adormecida,  
[tão querida!

JÚLIO ALFREDO GUIMARÃES

## Haikais

Galo quando canta  
fora de hora, avisando  
menina ir fugindo.

O que não foi visto  
pelos olhos é certa  
coração não sentir.

O mundo desejar  
pode ser prejudicial:  
leva a tudo perder.

J. BARBOSA RODRIGUES